



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

EDGAR RICE BURROUGHS
TARZAN na Selva

Tradução de
AZEVEDO AMARAL
"CODIL" COMPANHIA DISTRIBUIDORA DE LIVROS
SÃO PAULO
Do original norte-americano:
JUNGLE TALES OF TARZAN
1959

ÍNDICE

Primeiro amor de Tarzan
Tarzan capturado
O combate pelo balu
O Deus de Tarzan
Tarzan e o negrinho
O feiticeiro procura vingar-se
O fim de Bukawai
O leão
O pesadelo
Pelejando para salvar Teeka
O humorista da selva
A lua salva por Tarzan

CAPITULO I

Primeiro amor de Tarzan

TEEKA, voluptuosamente estirada à sombra da floresta tropical, oferecia por certo um quadro vivamente provocador de formosura feminina e moça. Assim pelo menos ela se afigurava a Tarzan dos Macacos que, de cócoras em um galho oscilante e rasteiro de uma das árvores próximas, a espreitava atentamente.

Vendo-o assim a balançar-se suavemente naquele ramo da gigantesca árvore tropical, com a pele morena e cravejada de manchas douradas que o fulgurante sol equatorial sobre ela lançava pelas frestas da verde cúpula de folhagem, o corpo liso e musculoso em elegante abandono, a cabeça bem esculpida meio voltada na contemplação de alguma coisa, sobre a qual se fixavam, como querendo devorar o seu alvo, aqueles olhos azulados, sonhadores e inteligentes, alguém bem poderia tomá-lo por um semideus antigo.

Não se adivinharia que ele na infância mamara ao peito de uma hedionda e peluda macaca e que, desde que perdera os pais em um casebre à beira da enseada que as terras apertavam lá pela orla da floresta, a sua consciência só registrara idéias despertadas no convívio com os macacos e macacos rabugentos da tribo de Kerchak, o grande macaco. E se alguém pudesse ler os pensamentos que atravessavam aquele cérebro vibrante e sadio, ou conhecesse os desejos, as aspirações e as ânsias que a contemplação de Teeka nele despertavam, bem pouco inclinado se sentiria a aceitar como verdadeira a história do homem-macaco. Nem se poderia dos seus pensamentos ter um vislumbre da verdade sobre a sua origem, nascendo de uma fidalga senhora inglesa e tendo como progenitor um nobre também inglês cuja linhagem podia ser acompanhada em um longo e honroso passado.

Mas para o próprio Tarzan dos Macacos se perdera a verdade da sua origem. Não sabia que era John Clayton,

Lorde Greystoke, com direito a uma cadeira na Câmara dos Lordes, e, se viesse a sabê-lo, ficaria sem entender o que isso significava.

Sim, Teeka era realmente bela!

Sem dúvida, Kala também fora bela, as mães são sempre belas para os filhos. Mas Teeka tinha uma beleza peculiar, os seus encantos apresentavam-se sob uma forma inconfundível, que Tarzan começava a perceber de um modo muito vago e confuso.

Durante anos Tarzan e Teeka tinham brincado como bons camaradas. Teeka continuara brincalhona, enquanto os macacos machos de sua idade se tornavam rapidamente macambúzios e briguentos. Se Tarzan raciocinasse sobre o seu afeto por Teeka, certamente o atribuiria ao fato de terem ambos permanecido alegres e travessos, ao passo que os seus companheiros de infância não mostravam mais desejo de brincar. Mas naquele dia Tarzan reparava na beleza das formas e das linhas de Teeka, o que nunca fizera antes, por isso que elas nada tinham a ver com a destreza de Teeka a correr pelas baixadas da floresta quando brincavam de pegar ou de esconder, jogos primitivos que a imaginação de Tarzan espontaneamente inventara.

Tarzan mergulhou os dedos na vasta cabeleira preta que lhe caía pelos lados da face juvenil e bem modelada, cocando a cabeça e suspirando. A beleza de Teeka, que ele acabava de descobrir, fazia-o chegar quase ao desespero. Invejava-lhe o lindo pêlo que cobria o seu corpo. Com um rancor feito de ódio e de desprezo detestava a sua pele morena e glabra. Anos antes, acariciara a esperança de que o seu corpo se viesse também a cobrir de pêlos espessos, como o dos seus irmãos e irmãs, mas afinal fora obrigado a renunciar ao seu sonho delicioso. E Teeka também tinha aqueles grandes e fortes dentes, menores sem dúvida que os dos machos, mas diante dos quais faziam triste figura os seus dentinhos brancos e frágeis. E Tarzan pensava na fronte proeminente de Teeka, no seu nariz achatado e largo e na sua boca ampla e arredondada. Muitas vezes ele tentara arredondar a sua boca, inchando as bochechas, ao mesmo tempo que piscava rapidamente os olhos. Mas desolado teve de reconhecer que nunca o faria com aquela graça irresistível que Teeka sabia dar àquele gesto.

Naquela tarde enquanto Tarzan observava Teeka e assim divagava, um grande macaco que estivera preguiçosamente escavando a terra úmida junto à raiz de uma árvore em busca de alimento, encaminhou-se desajeitadamente para Teeka. Outros macacos da tribo de Kerchak vagavam como que distraídos ou deitavam-se preguiçosos ao calor da selva equatorial. De quando em quando, um deles passava junto a Teeka e Tarzan não se preocupava com isso. Por que teria ele então franzido a testa e cerrado os lábios, quando Taug se aproximou dela e veio acocorar-se ao seu lado?

Tarzan sempre gostara de Taug. Desde a infância brincavam juntos. Um ao lado do outro iam agachar-se à beira do regato, com os seus dedos ágeis e vigorosos prontos para agarrar Pisah, o peixe, se porventura aquele cauteloso habitante das águas frescas do fundo do riacho sucumbisse à tentação de apanhar os insetos que Tarzan lançava à superfície da água.

Juntos haviam dado dentadas em Tublat e se divertido em perseguir Numa, o leão. Por que então sentiria ele arrepiarem-se-lhe os cabelos até a nuca, somente porque Taug se ia assentar ao lado de Teeka?

É verdade que Taug já não era mais o macaco brincalhão de outros tempos. Agora quando Taug arreganhava os beiços com os seus músculos possantes, pondo à mostra a formidável dentadura, ninguém veria nele o companheiro alegre de Tarzan a divertir-se na relva com o homem-macaco em combates simulados. Hoje, Taug era um enorme macaco, rebarbativo, sombrio e rabugento. E contudo ele e Tarzan nunca haviam brigado.

Por alguns minutos o homem-macaco observou atentamente Taug que se encostara a Teeka. De repente Taug acariciou com a manopla robusta o ombro escorregadio da macaca e Tarzan súbito saltou ao chão em um pulo de gato, encaminhando-se para os dois que bem juntinhos pareciam não contar com aquele inesperado aparecimento. E Tarzan, arreganhando o lábio, deixou à mostra a fileira alva dos seus dentes afiados, enquanto um profundo ronco de cólera irrompia do seu peito. Taug fixou sobre ele os seus olhos congestos, que piscavam nervosamente. Teeka empertigando o corpo encarou Tarzan, quem sabe se compreendendo o

motivo da agitação que empolgava o homem-macaco. Fosse como fosse ela era bem feminina e, mostrando apreender a situação, pôs-se a cocar com os seus dedos rijos a nuca de Taug, acariciando-lhe o dorso da orelha achatada.

Teeka produziu sobre Tarzan o efeito que ela poderia esperar do seu gesto, se porventura a situação provocasse no seu cérebro o desenvolvimento de um raciocínio. O homem-macaco, ao vê-la assim a amimar a cabeça do grande mono, sentiu que ela se transfigurara, não sendo para ele mais a antiga companheira de brinquedos, mas alguma coisa de maravilhoso, para cuja posse ele agora se sentia disposto a combater, enfrentando até a morte, Taug ou qualquer outro que se atrevesse a disputar-lhe a propriedade daquela deliciosa criatura. Encurvando com a boca tensa e os músculos contraídos, Tarzan dos Macacos avançou para o felpudo macho, aproximando-se vagarosamente dele em atitude agressiva. O seu rosto voltado para a terra era quase invisível ao adversário, mas os olhos vivos e azulados fixavam-se insistentes sobre o macaco e do seu peito partiam roncões mais profundos e fortes, à medida que ele se aproximava do inimigo.

Taug levantou-se sobre as pernas curtas e em um súbito movimento elástico. Com os dentes prontos para o combate, esgueirou-se também com os músculos rijos, soltando surdos e raivosos roncões.

— Teeka é de Tarzan, murmurou o homem-macaco nos baixos acentos guturais em que se comunicavam os antropóides.

— Teeka é de Taug, respondeu o macaco, cada vez mais excitado pela perspectiva do combate.

Despertando da sesta em que cochilavam, Taka, Nungo e Gunto voltaram-se ainda meio sonolentos, ao pressentirem a luta dos dois machos, que vinha quebrar a monotonia enfadonha da vida na selva.

Enrolada ao ombro trazia Tarzan a sua longa corda de cipó e a sua mão empunhava a faca de caça que pertencera a um pai para ele desconhecido. O pequeno cérebro de Taug entretinha um mal definido mas terrível medo da ponta acerada de metal, que o adolescente homem-macaco sabia manejar com tanta destreza. Com aquele pedaço de ferro Tarzan havia morto Tublat, o seu feroz padrasto e também

havia dado cabo de Bolgani, o gorila. Taug sabia muito bem disso e aproximou-se muito cautelosamente do homem-macaco, rodeando-o à espreita de um momento propício para o assalto. Tarzan por seu turno, cômico da inferioridade do seu porte e dos seus meios naturais de combate, observava cautelosamente os movimentos do adversário.

Por algum tempo pareceu que o incidente acabaria como em geral acontecia em brigas entre os membros da tribo, que depois de se aprestarem para o combate não chegavam afinal a vias de fato, acabando os contendores por se separarem, como que desinteressados da luta e indo cada um cuidar da sua vida. Isto teria provavelmente acontecido, se outro fosse o *casus belli*. Mas Teeka ficara lisonjeada pela atenção de que se tornara centro e por ver aqueles dois jovens machos prontos a pelejar por causa dela. Tal coisa nunca lhe sucedera na sua vida de macaca adolescente. Assistira a combates travados entre outros machos por causa de fêmeas mais velhas que ela e no íntimo do seu pequenino coração acariciara sempre o desejo de ver a grama da selva avermelhada pelo sangue derramado em um combate mortal, em que ela fosse o objeto disputado.

Agora chegara o momento tantas vezes ambicionado, e acorada majestosamente sobre as pernas, Teeka ia apreciar o combate e incitava os contendores, insultando-os com displicente imparcialidade. A ambos vociferava imprecações, acusando-os de covardia e insultava-os, chamando-os de Histah, a serpente, e de Dango, a hiena. Ameaçou-os de ir chamar Munga para castigá-los. Era a suprema ofensa aos beligerantes indecisos, porque Munga era uma macaca tão velha e tão fraca, que não podia trepar às árvores e por falta de dentes era obrigada a reduzir o seu repasto a bananas e minhocas.

Os macacos que assistiam à cena puseram-se a rir. Taug ficou furioso e deu um bote sobre Tarzan. Mas o homem-macaco destramente escapou ao assalto e com a rapidez de um gato pulou imediatamente para o lado inimigo, vindo colocar-se de novo junto a ele, pronto para o ataque. Com a mão levantada empunhando a faca, Tarzan visava o pescoço do macaco para desfechar-lhe um golpe mortal. Mas Taug escapou célere, abaixando-se àgilmente, de modo que a

faca, em vez de atingir o alvo, lhe feriu apenas o ombro de raspão.

O esguicho do sangue provocou um grito de prazer de Teeka, que parecia exclamar: “Ah! afinal consigo alguma coisa que vale a pena!” E com um olhar de triunfo certificou-se de que os macacos que assistiam ao combate haviam testemunhado aquela prova do seu prestígio. Helena de Tróia por certo nunca tivera um momento de maior soberba.

E não estivesse Teeka tão absorvida pelo seu triunfo e certamente teria notado o sussurro das folhas da árvore, a cuja sombra se achava. E não podia ser o vento que assim agitava a folhagem, pelo motivo muito simples de que o ar estava completamente parado. Bastaria que ela olhasse de relance para cima e teria reconhecido uma forma flexuosa que se agachava sobre um galho e dois olhos amarelo-esverdeados e maus, que vorazmente a encaravam com ameaçadora fixidez. Mas o combate dos dois rivais absorvia completamente a macaca.

Taug, ferido, batia em retirada, uivando horripelmente. Tarzan perseguia-o, proferindo roncões guturais de insulto e brandindo ameaçadora a lâmina ensanguentada com que o golpeará. Teeka afastou-se da árvore, para poder apreciar mais de perto os movimentos dos duelistas. Então o grande galho sob o qual ela estivera assistindo ao combate, moveu-se em uma oscilação mais forte ao peso do outro espectador, que ali estava à espreita. Taug estacou e preparava-se para voltar à carga ao adversário. Os seus lábios espumavam e pelos cantos corria a saliva que lhe molhava as fortes maxilas. Esticando os braços longos, o macaco estava evidentemente preparando um ataque decisivo a Tarzan. Conseguisse ele pôr aquelas formidáveis manoplas na pele macia do inimigo e a batalha estaria ganha. O macaco considerava desleais os métodos de combate de Tarzan. Este não se aproximava do adversário, compreendendo a inferioridade em que se colocaria, se chegasse ao alcance dos braços longos e dos dedos temíveis de Taug.

Era a primeira vez que o homem-macaco media forças com um mono em luta séria. Até então os combates em que se empenhara eram simples simulacros no curso dos brinquedos juvenis. Não tinha, portanto, confiança na força dos seus músculos para contar com eles em uma luta de vida

ou de morte. Sem dúvida Tarzan não estava com medo, porque não sabia o que era medo. Mas o instinto de conservação o tornava prudente. Arriscava-se apenas até o ponto em que o exigiam as circunstâncias da luta e nessas ocasiões não recuava diante do perigo.

O seu processo de luta era o mais apropriado ao seu corpo e às armas de que dispunha. Os seus dentes, apesar de fortes e afiados, não podiam medir-se em capacidade ofensiva com a formidável dentadura do antropóide. Dançando àgilmente em redor do inimigo, Tarzan podia atingi-lo em um momento propício com a ponta da sua comprida faca de caça, evitando ao mesmo tempo os terríveis ferimentos que certamente receberia, se fosse apanhado pelas mãos vigorosas do macaco.

Taug, curvado, arremessou-se como um touro e Tarzan saltitando elegantemente recuava e avançava, proferindo insultos grosseiros contra o inimigo que, de quando em quando, tocava com a ponta da sua faca. Havia pausas no combate e os adversários ficavam um diante do outro ofegantes e a planejar um novo golpe, aguardando o momento para renovar o assalto. Foi em uma dessas pausas que Taug, levantando os olhos e vagueando o olhar pela copa das árvores, subitamente mudou de aspecto. Os sinais da raiva dissiparam-se e a fisionomia do macaco passou a exprimir simplesmente terror.

Com um grito que toda a tribo percebeu logo o que significava, Taug disparou em fuga. Não havia necessidade de interrogá-lo, o seu brado de alarma bastava para anunciar a presença do velho inimigo dos macacos.

Tarzan também partiu às carreiras, procurando abrigo, como faziam todos os outros membros da tribo. Mas de repente houve um grito lancinante em que se exprimia o pavor da macaca. Taug também ouviu o mesmo grito, mas não interrompeu a sua fuga. Tarzan parou, impelido por um instinto de que não compartilhavam os macacos, e voltou-se para ver se algum dos membros da tribo estava em perigo iminente de ser atacado pela fera. E o que os seus olhos viram, encheu-o de horror.

Fora Teeka quem gritara ao atravessar a clareira para buscar refúgio nos altos ramos de uma árvore próxima, enquanto Sheeta, a pantera, a perseguia em saltos ágeis, e

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

